

# CRÍTICA DA CULTURA BRASILEIRA

EDUARDO PORTELLA

165  
Chega à quinta edição — fato inédito em obra dessa natureza — o ensaio precursor de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* (1). Antes de tudo essa visão de síntese representa o esforço crítico como ponto de partida para a revitalização da cultura brasileira. Descendo aos fundamentos da nossa história, às raízes, o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda não se limita ao simples registro historiográfico, a uma exposição irreflexa, onde a memória fôsse a condutora absoluta dos atos do pensar. A compreensão do passado, no que o passado foi, se amplia no entendimento aberto do que ele é e será. O tema Brasil recebe aqui tratamento sistemático, refletindo uma nova atitude do intelectual brasileiro diante do fenômeno nacional.

## Relações metrópole e colônia

A reflexão de Sérgio Buarque de Holanda se movimenta basicamente nesse território movido e tenso onde as relações metrópole e colônia se organizam e se perdem. O seu sentido do nacional está referido, inapelavelmente remetido ao ideário da metrópole. Não como uma reconstituição passiva dos seus valores paradigmáticos; mas como uma recusa à transferência pura e simples de modelos estranhos à nossa índole. Mesmo assim, a análise do processo colonizador português ressent-se de uma ponderável satisfação face às virtudes de adaptação e convivência da nossa ex-metrópole. Tanto mais que, essas virtudes, estão sendo revistas pelo confronto com o comportamento lusitano nas terras da África e da Ásia. As recentes pesquisas de José Honório Rodrigues vêm reduzindo às suas devidas proporções esse mito da nossa história de sempre. De qualquer modo, o estudo de uma cultura inicialmente periférica tem de começar pelo exame do seu relacionamento com a cultura central. A tensão metrópole-colônia desenha o arco semântico que liga o *fora de si* ao *para si* nacional.

Aqui se observa o primeiro acerto da proposição metodológica de Sérgio Buarque de Holanda. Por isso o estudo da sua obra deve transpor os níveis ostensivamente temáticos, já satisfatoriamente estudados por diversos críticos. O que nos interessa agora são as questões de método por ele articuladas. E que fazem dele um pensador transitivo, um elemento de ligação, um elo, entre o *tempo pré-crítico* e o *tempo crítico* da cultura brasileira. E essa alteração se processa quando a consciência nacional repele a ingenuidade que a informava para se organizar reflexivamente. Nenhum conhecimento se organiza reflexivamente, ou seja, atinge os necessários graus de cientificidade, se não se constitui metodologicamente. O rigor metodológico é o atestado de maioridade do conhecimento.

## O lugar do método

Mas o método não é uma categoria abstrata a que possamos recorrer mecanicamente. O método nasce do próprio fenômeno analisado. Sendo este fenômeno um fenômeno complexo, múltiplo, circular, como é o brasileiro, a metodologia indicada teria de trazer consigo a indispensável flexibilidade estrutural. Foi o que fez Sérgio Buarque de Holanda, neste *Raízes do Brasil*. A argúcia de Antônio Cândido já acentuou acertadamente o caráter dialético dessa proposição metodológica. Somente uma metodologia assim totalizante poderia compreender o mover-se contraditório da realidade nacional. Uma outra metodologia que fôsse rígida, que opusesse sem mediação, passaria por cima das tensões permanentes que identificam esse contexto dinâmico. E isto talvez explique a repulsa do autor pelo positivismo, o seu antiautoritarismo.

*Raízes do Brasil*, no seu primeiro passo metodológico, é a descrição de um percurso, onde se registram a subserviência de uns ou a irreverência de outros em face do código da metrópole. A subserviência é o superego metropolitano afogando as possibilidades criadoras da colônia. A irre-

verência é a gesticulação passionnal do *nacionalismo contra*. São ambas manifestações cegas da ingenuidade dominante. Ser antiportuguês é ainda uma forma de ser português. E para se ter uma nação não basta *amá-la*. É preciso *sabê-la*. Saber e amar são dois conceitos correlatos, sem serem idênticos. O Conde Afonso Celso não sabia o Brasil: amava.

Quando essa disposição subjetiva do *tempo pré-crítico* da cultura brasileira foi sendo instrumentalizada nós nos fomos dirigindo para o *tempo crítico*, onde o conhecimento já não era um subproduto dos traumas ou das explosões temperamentais do pesquisador. Porque constituíra-se em níveis de objetividade até então desconhecidos. Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, são os primeiros esforços no sentido de pensar criticamente no Brasil. O que só se tornou possível graças às transformações econômicas e sociais experimentadas pela sociedade brasileira nas últimas décadas. A reflexão crítica instaurará o novo, abre espaços livres para novas atitudes sintéticas.

## A reflexão crítica

E' fundamental, mesmo com respeito ao *tempo pré-crítico*, não se incorrer numa falha de perspectiva. A crítica do passado só é válida quando atinge o presente. Criticamos não os que foram ingênuos, mas os que ainda o são. O pensador do passado é iluminado em função do seu lugar histórico específico. Compreendê-lo é saber que foi aquela a forma de existência que lhe coube. Por isso não podemos desligar essa reflexão, hoje progressivamente crítica, de um estado de coisas em que a industrialização paulista, a Semana de Arte Moderna, a Revolução de 30, jogaram o seu papel decisivo.

O entendimento estrutural e totalizante do saber levou Sérgio Buarque de Holanda a uma apreensão tanto quanto possível global do processo histórico brasileiro. E chega a ser surpreendente o fato de que, escrito numa época de intensa pulsação ideológi-

SBH  
Pt 259 (ex 15)  
(1/2) 69/09/27  
fornal de Brasil



ca, 1936, e em parte recusando as alternativas por ela oferecidas, o *Raízes do Brasil* tenha conseguido manter-se no nível de uma investigação objetiva. Por isso mesmo uma visão totalizante, imune à setorização implícita na controvérsia ideológica. Aqui a reflexão se distingue da ideologia, na medida em que toda reflexão inclui nela a utopia: a utopia concreta, o *ainda não*, o possível. A ideologia opera em função de metas, de programas imediatos, de atividades estabelecidas. A ideologia é uma atitude do homem já constituída diante da existência, diante do significado do homem. Quando ela de-

SBH  
DT 259 Ex15  
(2/2)

cide, inevitavelmente exclui as demais alternativas. Daí a paradoxal incompatibilidade de ideologia e dialética. Só o conhecimento dialético é total. E precisamente por ser dialético o conhecimento do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda pôde alcançar ponderáveis graus de totalização. Só raramente desequilibrando-se, sob a pressão sedutora de algumas antinomias persistentes, como a noção de *homem cordial*. O *homem cordial*, mesmo na sua matizada teorização, é ainda uma entidade abstrata. Nenhum povo é indeterminadamente cordial; e a nossa história tem registrado frequentemente exemplos de falta de cordialidade. Ou o *homem cordial* seria uma sobrevivência agropecuária no horizonte nervoso da sociedade industrial que se delineava?

### A nação planetária

Essa mesma sociedade industrial poria em xeque os valores e a normatividade vigentes, redimensionando o conceito de nação. O próprio elemento ibérico, ingrediente ativo de nossa cultura, foi sendo vertiginosamente submetido à erosão do planetário. Os arcaísmos se acentuaram com a industrialização e se acentuarão cada vez mais. O mundo *castiço* de José Lins do Rêgo, de Herberto Sales, de Ariano Suassuna será cada vez mais um mundo morto. O *casticismo* é a ideologia da sociedade agrária. E isso não implica em nenhum demérito para a significação artística desses autores: as tragédias gregas ainda hoje nos falam.

Quer dizer apenas que não podemos mais pensar no Brasil fora do seu contexto planetário, uma vez que a verdade tecnológica transformou a nós todos em comparsas de uma mesma e solidária aventura histórica. Mas qualquer que seja o destino próximo da cultura brasileira, de uma coisa podemos estar certos: não chegaremos nunca a entendê-la integralmente se não recorreremos às perspectivas instauradoras de pensadores como Sérgio Buarque de Holanda.